



XVIII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária: Transformando Realidades e Construindo Esperança.
De 18 a 26 de março de 2025.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

Assédio e importunação na UFCG nunca mais

João Victor dos Santos Batista ¹, Luiz Fernando de Oliveira ², Anúbes Pereira de Castro³
anubes.pereira@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Assédio e importunação nunca mais é um chamado à reflexão e à ação para eliminar comportamentos que desrespeitam a dignidade e os direitos das pessoas. O assédio, seja moral, sexual ou verbal, e a importunação configuram práticas que ferem a liberdade, a segurança e o bem-estar, sendo inadmissíveis em qualquer contexto. O combate a essas atitudes exige conscientização, educação e denúncia. É essencial que indivíduos compreendam os limites do respeito e reconheçam que qualquer ato ou abordagem não consentida pode causar danos profundos. Campanhas de sensibilização, o fortalecimento de leis e políticas públicas e a criação de ambientes seguros para denúncia são estratégias fundamentais para erradicar essas práticas. Além disso, cada pessoa tem o papel de promover uma cultura de respeito, enfrentando comportamentos abusivos e apoiando as vítimas. A construção de uma sociedade mais justa e segura passa pela intolerância a qualquer forma de assédio ou importunação. Assim, o lema "assédio e importunação nunca mais" simboliza o compromisso coletivo com a dignidade e a igualdade.

Palavras-chaves: Assédio, importunação e combate

1. Introdução

Diante de tal fato, a Universidade Federal de Campina Grande instituiu a Política de prevenção e combate ao assédio e discriminação através da Resolução 01/2023 do Colegiado Pleno que trata da temática em questão e dá outras providências. As vítimas de assédio e importunação têm como principal consequência o sofrimento mental que são difíceis de serem reparados e esquecidas, com dano à saúde mental da vítima, deixando sequelas que podem ficar para a vida toda se não forem identificadas e tomadas as devidas condutas. O processo de identificação também depende do reconhecimento da vítima que está dentro de um ciclo de violência, já que por muitas vezes elas naturalizam essa condição, pois entendem que sua posição na relação é inferior ao seu Convivente, e estes por sua vez se nutrem dessa condição. Por isso se gera um ciclo frequente (Guimarães et al., 2018). Em relação a processos patológicos associados, é sempre observado que é muito comum entre as vítimas, dores pelo corpo, obesidade, síndrome do pânico, crises de gastrite e úlcera. Foi exposto também sobre mutilações, fraturas, dificuldades ligadas à sexualidade, complicações obstétricas, maior risco de acidentes e maior

probabilidade de fumar. Outros sintomas comuns são também condições como, sentimentos de aniquilação, tristeza, desânimo, solidão, estresse, baixa autoestima, incapacidade, impotência, ódio, inutilidade, irritabilidade, insegurança profissional, solidão, raiva, falta de motivação, dificuldades de relacionamento, desejo de sair do trabalho e dificuldades de relacionamento familiar (Netto et al., 2014).

2. Metodologia

Inicialmente o contato se deu através de aproximação discursiva com o público estudado, e a partir dessa aproximação foi possível uma maior integração com os participantes, valorizando a vivência individual de cada um e compreensão das particularidades culturais dos mesmos. O reconhecimento do problema vivido por eles ocorreu durante o desenvolvimento das atividades, a partir do registro no diário de campo que permitiu através destes, reconhecer as vivências, e promover a transformação da realidade. Foram explorados os elementos referentes à problemática enfrentada e a situação ideal para as situações de assédio e importunação que forem surgindo durante as discussões buscando traçar medidas preventivas e de combate ao fenômeno vivido. Após entender a temática, foi possível realizar avaliação do grupo participante quanto às vivências, desafios, medos e possíveis ações com intuito de fortalecer o grupo, ao fim foi possível fortalecer planejar medidas de prevenção de assédio e importunação no ambiente de cotidiano convívio, com reconhecimento de que há muito ainda por fazer.

¹Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

²Orientador(a)<Docente>, UFCG, Campus Pombal, PB. Brasil.

³Coordenador/a, <Docente>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

3. Resultados e Discussões

Com o envio de um formulário via email, juntamente com a PECOAD – Prevenção e Combate ao Assédio Moral da UFCG, obtivemos os seguintes resultados dos casos de assédios na nossa Universidade.

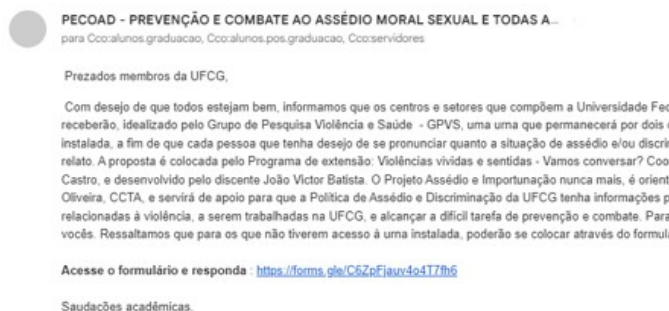
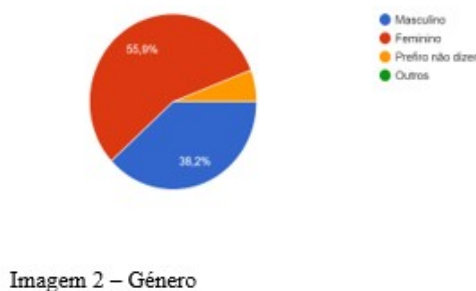


Imagem 1 - Email enviado



- 55,9% do sexo feminino participaram da abordagem;
- 38,2% do sexo masculino participaram da abordagem;

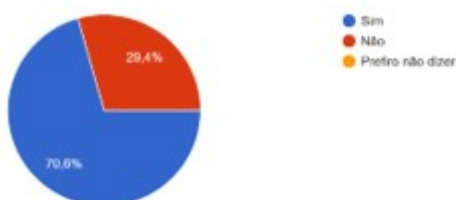
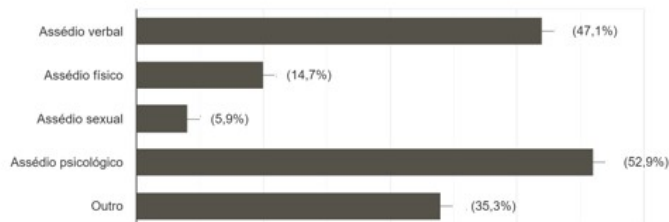


Imagem 3

- 70,6% informaram que vivem ou já viveu algum tipo de assédio na universidade;
- 29,4% informaram que não viveu e nem viveram algum tipo de assédio na universidade;

Com os resultados apresentados pela abordagem investigativa via email, analisamos que a grande maioria que sofreu ou sofre assédio dentro da universidade tende a se calar, e entre o assédio mais presente se destaca o psicológico e o verbal, o que pode ser constatado com os resultados abaixo.

Se afirmativo, que tipo de assédio você foi vítima? (Marque todas as que se aplicam)



Com o presente estudo conseguimos identificar que na grande maioria das vezes a vítima tem medo de procurar a ouvidoria ou os demais órgãos responsáveis que possam agir ou deliberar sobre o tema na instituição; percebemos também que quando disponibilizávamos urnas nos centros, a comunidade se pronunciava livremente, mas não se encorajam para levar à frente, por medo de consequências.

4. Conclusão

O combate ao assédio e à importunação sexual deve ser uma responsabilidade coletiva e constante. Essas práticas violam direitos fundamentais e impactam profundamente as vítimas, gerando traumas psicológicos, emocionais e sociais. Para garantir que situações assim "nunca mais" aconteçam, é essencial a conscientização, a educação e o fortalecimento das leis e punições para os agressores. Embora medidas venham sendo implementadas, há ainda muito por se fazer, isso porque é preciso trabalhar grupo a grupo, para que as medidas sejam mais efetivas e direcionadas ao perfil de cada coletividade.

A sociedade precisa promover o respeito mútuo, incentivar a denúncia e oferecer apoio às vítimas. Além disso, é fundamental que empresas, escolas e espaços públicos adotem políticas rígidas para prevenir e combater esses comportamentos.

Só assim poderemos construir um ambiente seguro, onde todas as pessoas possam viver sem medo e com dignidade.

É de fundamental importância, sempre que sofrer algum tipo de assédio procurar ouvidoria para denúncia, não se calarem, e a Instituição precisa dar suporte constante às vítimas.

5. Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021.
- CALCAGNO, V. Mais de 200 feminicídios ocorreram no país em 2019, segundo pesquisador. O Globo. São Paulo, março de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-200->

feminicidios-ocorreram-nopais-em-2019-segundo-pesquisador-23505351> Acesso em: 20 de março de 2024.

CERQUEIRA, A. B. et al. Violência moral contra a mulher e seus contornos no município de Ilhéus. Universidade Estadual de Santa Cruz. In: Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos Fundamentais da UESC. Santa Cruz, 2014. Disponível em: <<http://www.redireito.org/enpex/anais/>>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

COSTA, M. S. et al. Violência contra a mulher: descrição das denúncias em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher de Cajazeiras, Paraíba, 2010 a 2012. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 24(3):551-558, jul-set 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/ress/2015.v24n3/551-558/pt>> Acesso em: 15 de abril de 2024.

CUNHA, A. D. C.; SANTOS, A. E. D. Violência doméstica: um estudo na DEAM cidade de Campina Grande-PB. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. [S.l.]:2010. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278165388_ARQUIV_O_Trabalhoaserenviado-G9.pdf> Acesso em 30 de março de 2024.

DAHLBERG, L. L.; Krug, E. G. Violence: a global public health problem. Ciência & Saúde Coletiva, 11(Sup):1163-1178. [S.l.]: 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232006000500007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

DELZIOVO, C. R. et al. Quality of records on sexual violence against women in the Information System for Notifiable Diseases (Sinan) in Santa Catarina, Brazil, 2008-2013. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 27(1):e20171493, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/v27n1/2237-9622-ress-27-01-e20171493.pdf>>. Acesso em 05 de abril de 2024

Agradecimentos

Agradecemos a toda comunidade acadêmica que participou, a PECOAD pela parceria de sempre. À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.